

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

DEBORA KRUSE

**FATORES ASSOCIADOS À EFICÁCIA ESCOLAR: O QUE DIZEM AS
EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS**

MARINGÁ
2012

DÉBORA KRUSE

**FATORES ASSOCIADOS À EFICÁCIA ESCOLAR: O QUE DIZEM AS
EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
pedagogo.

Orientação: Profª. Dra. Ruth Izumi Setoguti

Coordenação: Profª. Dra. Renata Marcelle
Lara Pimentel

MARINGÁ

2012

Fatores associados à Eficácia Escolar: o que dizem as evidências científicas

Resumo: Este artigo têm como objetivo contribuir com o debate sobre o problema da baixa qualidade do ensino básico no Brasil e mostrar a importância das pesquisas sobre a eficácia escolar para promoção da melhoria da aprendizagem. Para compreender o que é pesquisa em eficácia escolar e a sua importância, iremos identificar quais são os possíveis fatores que levam o Brasil a ter uma educação ineficaz com base na Interpretação e comparação, de forma sucinta, do resultado dos relatórios oficiais do PISA.

Palavras-chave: Educação; Eficácia Escolar; Avaliação Internacional.

Factors associated with the Effectiveness Schools: what say the scientific evidences

Abstract: This article aim to contribute to the debate about the problem of low quality of basic education in Brazil and show the importance of research on school effectiveness for promoting improved learning. To understand what is in school effectiveness research and its importance, we will identify what are the possible factors that lead Brazil to have a weak education based on the interpretation and comparison, succinctly, the result of the official reports of PISA.

Keywords: Education; Brazilian Education, School Effectiveness.

Introdução

Este trabalho apresentará o que as evidências científicas demonstram sobre a eficácia escolar e qual é o melhor método de ensino para o professor trabalhar em sala de aula. Para isso faremos uma pesquisa bibliográfica sobre as pesquisas que ocorrem de 1970 até os dias atuais. Logo após, utilizaremos os dados do Pisa para analisar e comparar a qualidade de ensino no Brasil para com os demais países que participaram dessa avaliação. Desse modo pretendemos mostrar a importância da pesquisa em eficácia escolar para que o Brasil possa alcançar o nível de Educação desejado.

Desde a década de 1990, o Brasil vem implementando avaliações em larga escala do ensino básico (SAEB e Prova Brasil¹, Enem²) para, dentre outros objetivos, identificar o nível de ensino ofertado no país. Os resultados tem demonstrado, ao longo das séries históricas, que a educação básica no Brasil é de baixa qualidade, tanto nas redes públicas quanto nas privadas.

De acordo com Oliveira (2010, p.1), os resultados obtidos pelo Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (em inglês: *Programme for International Student Assessment – Pisa*³), demonstram que existem “dois brasis em cada rede de ensino”, ou seja, existe uma desigualdade no nível de educação ofertada em nosso país. Mas, isso não ocorre devido ao fator de extensão territorial, e sim devido à falta de um padrão de ensino, uma vez que os índices das avaliações nacionais e internacionais variam de região para região e conforme a rede de ensino.

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados do Brasil, preocupada com a baixa qualidade da educação básica no país, nomeou um grupo de sete pesquisadores de renome internacional, sendo três brasileiros e quatro estrangeiros, o qual apresentou em 2003

¹ Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e a Prova Brasil abrange de maneira amostral os estudantes das redes públicas e privadas do país, localizados na área rural e urbana e matriculados no 5º e 9º anos do ensino fundamental e também no 3º ano do ensino médio.. As médias de desempenho nessas avaliações também subsidiam o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

² Exame Nacional do Ensino Médio têm como objetivo avaliar anualmente os estudantes ao fim da educação básica, também é utilizado para ter acesso ao Programa Universidade para Todos – ProUni e como mecanismo de seleção para o ensino superior.

³ O programa é uma iniciativa internacional desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). É uma avaliação comparada, que acontece a cada três anos e abrange três áreas do conhecimento – Leitura, Matemática e Ciências – havendo, a cada edição do programa, maior ênfase em cada uma dessas áreas, sendo aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos de escolar.

o relatório final intitulado **Alfabetização infantil: os novos caminhos**. Esse documento teve como objetivo apresentar um estudo amplo sobre as teorias e práticas de alfabetização mais atuais alinhadas com as evidências científicas, além de comparar a realidade da educação brasileira com a realidade internacional. Os resultados da pesquisa demonstraram que:

as políticas e práticas de alfabetização no Brasil e os currículos de formação e capacitação de professores alfabetizadores não acompanharam a evolução científica e metodológica que vêm ocorrendo nos últimos 30 anos em todo o mundo. Esse fosso que separa o país dos conhecimentos e práticas mais atualizados pode ser responsável, em parte, pelo insuficiente desempenho escolar de expressiva fatia da população escolar brasileira. (Câmara dos Deputados, 2003, p.11).

O baixo desempenho escolar ocorre devido à metodologia utilizada em sala de aula pelos profissionais da educação, já que uma enquête divulgada pela revista de maior circulação no Brasil, com as escolas particulares nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, apontou que 90 % afirmam que se identificam com o método construtivista (Revista Veja, segundo semestre de 2001). O método construtivista inverteu todos os pressupostos do ensino tradicional. Enquanto o ensino tradicional centra-se na figura do professor, o método construtivista baseia-se no aluno, o qual é reconhecido como o responsável pela busca do seu próprio conhecimento. Ao mesmo tempo, o erro deixa de ser corrigido pelo professor pois parte-se do pressuposto de que o aluno deve descobrir o conhecimento e também os seus próprios erros. Desse modo, o professor fica com a responsabilidade de criar um ambiente alfabetizador para que a criança aprenda a aprender.

No currículo vigente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá não existe ainda uma disciplina que problematize qual o grau de influência dos fatores intraescolares sobre o aprendizado dos alunos. Isso por que as experiências internacionais mais recentes ainda não são utilizadas como referencial teórico no Brasil. Nesse sentido, concordamos com os autores Alves e Crespo (2008), de que no Brasil existe uma grande lacuna nas pesquisas que tratam da relação entre a eficácia escolar e a qualidade da educação, embora no cenário internacional essas já estejam consolidadas. Aliás, os debates sobre o efeito-escola no desempenho escolar dos alunos já se fazem presentes desde a década de 1970.

As pesquisas sobre a eficácia escolar demonstram que o ensino por *instrução direta* se mostrou mais eficaz no bom desempenho escolar em relação às abordagens pedagógicas que são as mais utilizadas nas salas de aula, como o construtivismo, a psicogênese, a educação

aberta entre outras. Diversos estudos mostram que o método intencional, direto, estruturado, sistemático e dirigido são os mais eficazes no desempenho escolar.

Para Torrecilla (in: Brooke, et al, 2008), as pesquisas sobre a eficácia escolar são estudos pedagógicos centrados na análise de processos com o objetivo de obtenção de melhores resultados dos alunos. Portanto, possui como base de pesquisa os estudos empíricos que buscam conhecer a capacidade que têm as escolas de influir no desenvolvimento dos alunos e também conhecer o que faz com que uma escola seja eficaz.

A seguir apresentaremos de forma sucinta o que as evidências científicas demonstram sobre a eficácia escolar e como podemos promover uma reforma educacional em nosso sistema de ensino que garanta um ensino de qualidade.

1. As pesquisas sobre Eficácia no Ensino

A pesquisa em eficácia escolar são estudos empíricos que possuem como objetivo a análise dos processos pedagógicos com intuito de obter melhores resultados dos alunos. Nesse sentido, esses estudos buscam conhecer a capacidade que têm as escolas de influir no desenvolvimento dos alunos e também conhecer quais os fatores que favorecem para que uma escola seja mais eficaz do que outras.

Neste trabalho utilizaremos o termo eficácia escolar, mas há pesquisadores que preferem o termo estudo do efeito-escola ao invés de eficácia escola, para explicar essa diferença o Soares e Brooke argumentam que:

A diferença entre os dois conceitos é sutil, mas deixou marcas na produção das pesquisas na área. Por efeito-escola entende-se o quanto um dado estabelecimento escolar, pelas suas políticas e práticas internas, acrescenta ao aprendizado do aluno. Essa definição enfatiza a ideia de que cada escola deve ser analisada a partir dos resultados de seu processo de ensino-aprendizagem e que os fatores associados com melhores resultados devem ser identificados. Já o termo escola eficaz, principalmente nos primeiros trabalhos, sugere apenas que existem escolas melhores do que outras (SOARES e BROOKE, 2008, p.10).

Os mesmos autores explicam que o primeiro estudo sobre a eficácia escolar foi encomendado pelos Estados Unidos ao pesquisador Coleman em 1964. Essa pesquisa avaliou 500 mil alunos do ensino primário e secundário (do 1º ao 12º ano escolar) nas áreas de proficiência em matemática e leitura, assim como a equipe pedagógica (professores,

pedagogos e diretores) e os pais dos alunos participantes. Os resultados desse relatório não levou em consideração a dinâmica do trabalho escolar e, portanto, essas pesquisas apontaram que os fatores socioeconômicos eram os principais fatores para o bom desempenho escolar. Porém, os pesquisadores dessa época não aceitaram as conclusões obtidas pelo trabalho de Coleman como um ponto final para a discussão sobre a contribuição da escola para o desempenho acadêmico dos alunos. Logo em seguida, a Inglaterra também encomendou um estudo para a pesquisadora Lady Plowden, em 1966 e 1967. Todavia, essa pesquisa foi realizada apenas no ensino primário, para investigar sobre a transição dos alunos para o ensino secundário. Sendo assim, a conclusão demonstrou que a atitude dos pais influenciava diretamente no desempenho dos alunos, devido ao acompanhamento escolar periódico e o auxílio nas atividades extraclasse.

A partir de 1970, o número de pesquisas sobre a eficácia do ensino aumentou. Essas pesquisas empíricas passaram a analisar os diversos métodos pedagógicos utilizados em sala de aula nas diversas escolas e com diferentes classes socioeconômicas. Desse modo, foi possível estabelecer a relação entre a metodologia utilizada e o bom desempenho dos alunos.

O pesquisador Gauthier (2009), em seu artigo apresenta as pesquisas mais importantes a partir de 1970, sendo assim os autores citados abaixo fazem parte de sua pesquisa, na qual apresentaremos de forma sucinta.

O Projeto "*Follow Through*" realizado nos Estados Unidos, no período de 1968 a 1995, acompanhou um total de nove abordagens pedagógicas desde o maternal até o terceiro ano, em 180 comunidades. Ao comparar os resultados obtidos por essas abordagens na aprendizagem das habilidades cognitivas, básicas e afetivas, foi constatado que o método de ensino por instrução direta apresentou o melhor desempenho em todas as habilidades. Os pesquisadores Gersten e Keating(1987) acompanharam esses mesmos alunos que participaram do projeto "*Follow Through*" e concluíram que os alunos que aprenderam de acordo com o método de instrução direta obtiveram o melhor desempenho acadêmico, com os maiores índices de conclusão de curso e com o menor número de repetência.

Em 1986, Roshenshine e Stevens apresentaram um modelo geral das características do método instrucionista, que são: revisão dos conteúdos já explicados, a forma de apresentar o conteúdo aos alunos, a prática guiada pelo professor, correção das atividades com retorno para que o aluno compreenda onde errou, a prática autônoma, além de revisões semanais e mensais dos conteúdos abordados (Roshenshine e Stevens, 1986, apud Gauthier, 2009).

Após analisar 55 escolas desfavorecidas, mas com um alto índice de desempenho escolar, Edmonds (1979) apresentou um modelo de cinco fatores em comum que estabelecem relação entre o desempenho escolar dessas escolas eficazes:

- (1) forte liderança da direção e particular atenção à qualidade de ensino; (2) grandes expectativas quanto ao desempenho de todos os alunos; (3) um ambiente seguro e ordenado (clima propício à aprendizagem); (4) prioridade dada ao ensino das disciplinas básicas (leitura, escrita, e matemática); (5) avaliações e controles frequentes do progresso dos alunos (Edmonds, 1979, apud, GAUTHIER, 2009, p. 8).

Logo após, os pesquisadores Herman et al (1999) e Borman et al (2002 e 2003), compararam a eficácia das abordagens pedagógicas de 20 modelos de ensino e os resultados obtidos reconfirmaram que a instrução direta é a metodologia mais eficaz para o bom desempenho escolar dos alunos.

Após oito anos de pesquisa realizada em 16 escolas, os pesquisadores Teddlie e Reynolds (2000) concluíram que as práticas pedagógicas utilizadas nas escolas mais eficazes eram diferentes das instituições com menor índice, visto que estas escolas apresentavam uma metodologia próxima ao modelo geral de Roshenshine e Stevens (1986).

Outro estudo foi realizado pelo Instituto de Pesquisa em Política de Wisconsin (em inglês: *Wisconsin Policy Research Institute*), em 2001, pesquisou sobre a eficácia escolar durante 25 anos e comparou seis escolas, que em suas conclusões recomendam o ensino por instrução direta como prática pedagógica em sala de aula.

Em seguida, Reynolds et al (2002) comparou escolas eficazes e menos eficazes de nove países em diferentes continentes, a fim de, identificar se os resultados das pesquisas em eficácia escolar poderiam ser generalizados. Os resultados dessa pesquisa reconfirmaram que a metodologia utilizada nessas escolas é diferente, sendo que as escolas eficazes utilizavam práticas pedagógicas previstas no modelo já citado de Roshenshine e Stevens.

Oliveira afirma que as pesquisas mais recentes apontam "para a importância de intervenções compatíveis com o nível de desempenho de um sistema escolar" (McKinsey, 2009/2010, apud, Oliveira, 2011, p.2). Nesse sentido, para reverter um quadro de baixo nível de desempenho educacional é preciso que intervenções mais estruturadas sejam utilizadas nas práticas pedagógicas.

De acordo com os resultados obtidos nesses estudos, podemos afirmar que existe o efeito-professor e o efeito-escola. O fator que mais influência é o efeito-professor que pode

por meio de uma prática pedagógica eficaz melhorar o desempenho acadêmico de seus alunos. As evidências científicas apresentadas anteriormente apontam que o método de ensino por instrução direta demonstrou-se o mais eficaz dentre as várias abordagens pesquisadas. Já o efeito-escola previsto por Edmonds (1979), deve ser considerado um fator transversal, visto que está presente na maioria das escolas eficazes, mas não é um fator universal entre elas.

2. A Pesquisa em Eficácia Escolar no Brasil e as mazelas do ensino

No Brasil, foi Moura Castro quem iniciou, na década de 1970, as pesquisas sobre a escola e os seus resultados na década de 1970 (Soares e Brooke, 2008, p.462), mas as pesquisas somente foram retomadas após 1990 com a aplicação do primeiro Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), visto que até aquele momento, não existiam dados empíricos sobre o desempenho escolar no Brasil.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) é uma autarquia federal responsável pela organização e aplicação dessas avaliações em âmbito nacionais. De acordo com o site do INEP, as avaliações realizadas são: a Prova Brasil (Saeb) que avalia os alunos do 5º e 9º ano a cada dois anos; o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Enceja); Programa Internacional de Avaliação de Alunos (em inglês: Programme for International Student Assessment – Pisa⁴) que é realizado a cada três anos.

Em 2000, o Brasil foi convidado a participar pela primeira vez da avaliação do PISA, mas obteve o menor desempenho dos 32 países participantes, que avaliou estudantes da 7ª e 8ª série do ensino fundamental. Essa avaliação compara as médias de proficiência nas áreas de Matemática, Língua Materna (no caso, a Língua Portuguesa) e Ciências com as médias de outros países, com intuito de obter indicadores dos sistemas educacionais participantes ou convidados. Esses resultados mostraram que mais da metade dos estudantes se classificaram no nível um ou abaixo, sendo 32,5% no primeiro nível e 23,3% ainda menor. Isso quer dizer que 55,80% dos alunos ficaram abaixo do nível I, sendo que:

⁴ A realização dessa avaliação é promovida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

"o primeiro nível corresponde a capacidades de decodificação (identifica palavras mas não compreende o que lê) e o nível cinco corresponde a um patamar relativamente sofisticado de compreensão e abstração esperável dos melhores alunos" (Câmara dos Deputados, 2003, p.112).

O nível cinco corresponde ao mais avançado e menos de 1% se classificou.

No site do INEP, estão disponíveis os resultados preliminares da avaliação do PISA de 2009, na qual participaram 65 países, sendo a China (Xangai) o país que obteve o melhor resultado ao se classificar em primeiro colocado nas três avaliações de proficiência. Já o Brasil não obteve uma boa classificação, visto que em Matemática conseguiu o 57º lugar com uma diferença de 214 pontos do primeiro colocado, em Ciências o 53º lugar com uma diferença de 170 pontos e na Língua Materna (Portuguesa) ficou em 53º lugar com uma diferença de 144 pontos.

Segundo o site da OCDE (2010, tradução livre), "o Brasil esta bem abaixo da média prevista", que é de 509 pontos, mas a sua pontuação no Pisa melhorou. Em leitura, por exemplo, a pontuação subiu de 396 em 2000 para 412 em 2009; em matemática de 356 em 2003 para 386 em 2009, e em ciência de 390 em 2006 para 405 em 2009.

Os dados disponibilizados no site da OCDE (2010) mostram que 200.000 escolas brasileiras têm turmas maiores do que a média dos outros países, na maioria dos países participantes do PISA a média é de 21,6 crianças por sala de aula nas escolas primárias e 23,7 no nível secundário inferior em 2008, contra uma média no Brasil de 27,1 e 30,5, respectivamente. A proporção de estudantes por professor também é maior, de 24,5 a um na escola primária e 21,2 para um menor em escola secundária em 2008, contra a média da OCDE de 16,4 a 13,7 a um e um, respectivamente. Isso significa que as salas de aula estão superlotadas, o que prejudica a aprendizagem dos alunos.

Contudo, se compararmos o avanço do Brasil nos resultados do Pisa com outros países, podemos identificar que países com menos estrutura política, econômica e social obtiveram avanços mais visíveis, esse por exemplo é o caso do Catar⁵. Isso por que a pontuação obtida por este país nas avaliações de 2006 ao serem comparadas com as de 2009, demonstram que na língua materna houve uma melhoria de 60 pontos, em matemática 50 e

⁵ O Catar é também conhecido como Qatar, faz parte dos emirados árabes no Oriente Médio. Situa-se na Península do Catar, na costa nordeste da Península Arábica. Faz fronteira com a Arábia Saudita ao sul, e o Golfo Pérsico separa o Catar da nação vizinha, o Bahrein.

ciências 30, em comparação o Brasil obteve uma melhoria de 19, 16 e 15 pontos, respectivamente.

Desde 2000, o Brasil têm realizado algumas mudanças na educação, com intuito de melhorá-la, porém são medidas que não permitirão ao país chegar ao objetivo desejado, visto que este é ineficaz e ineficiente. Para que o Brasil possa alcançar o nível de ensino desejado serão necessárias reformas educacionais, ou seja, é preciso mudar o modo de funcionamento do sistema, para isso será preciso tomar algumas medidas de curto, médio e longo prazo. As reformas educacionais devem por sua vez tomar como referência as experiências internacionais que tiveram um bom resultado, como:

"foco na alfabetização e no ensino da língua e da Matemática; prescrição de currículos e materiais de ensino estruturados, com suporte de bons livros didáticos e com orientações claras e específicas para um professor que apresenta hoje baixos níveis de qualificação; apoio para o cumprimento rigoroso do ano letivo e do tempo em sala de aula; supervisão baseada em instrumentos adequados e em informações oriundas de avaliações para a melhoria das práticas escolares." (Oliveira, 2010, p.1-2).

Essas mudanças não ocorrem de um dia para o outro, mas sim após várias reformas que devem continuar a serem implantadas de forma progressiva. Nesse sentido, para que essas ações sejam colocadas em prática é preciso que a comunidade acadêmica e os profissionais da educação em conjunto com a sociedade brasileira se envolvam nas discussões sobre o tema, a fim de pressionar o governo por mudanças educacionais.

3. Considerações finais

Concluimos que a pesquisa em eficácia escolar é muito importante para a formação do pedagogo, para que o mesmo esteja atento a metodologia utilizada em sala de aula e como ela influência no desempenho acadêmico do aluno. Nesse sentido, o pedagogo é o principal fator que influencia no desempenho escolar do aluno, ao contrário do que as primeiras pesquisas apontaram fatores socioeconômicos e familiares, isso por que o método utilizado pelo professor em sala faz toda a diferença na aprendizagem.

As evidências científicas demonstram que as escolas eficazes têm como prática pedagógica um ensino por instrução direta, que é um ensino intencional, direto, estruturado,

sistemático e dirigido. Porém, o sistema educacional no Brasil não reconhece essas pesquisas e experiências internacionais como referencial teórico para a promoção de melhorias e reformas na educação.

Um dos motivos é por que no Brasil ainda existe uma grande influência do método construtivista, o que causa um grande silêncio dos profissionais da área de Educação, com relação a pesquisa em eficácia escolar. Para que o Brasil alcance o nível de qualidade no ensino desejado é impreterível que hajam reformas progressivas no modo de funcionamento do sistema educacional que trabalhem de forma concomitante com as evidências científicas.

Referências

ALVES, Maria Tereza Gonzaga e CRESO, Franco. *A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar*. In: BROKE, Nigel e SOARES, José Francisco (orgs). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/prova-brasil-e-saeb>

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento Educacional**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/index.htm>

BRASIL, Ministério da Educação. **Resultados Preliminares do PISA 2009**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1997. (PCNs 1ª a 4ª Séries)

BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (Orgs.). **Pesquisa em Eficácia Escolar: Origem e Trajetórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 552p.

Câmara dos Deputados (2003). **Relatório: Alfabetização infantil: novos caminhos**. Brasília: Relatório Apresentado à Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, set. 2003. Disponível em: http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cec/documentos-1/relatorio-de-atividades/Relat_Final.pdf

GAUTHIER, Clermont. *Sucesso acadêmico e reformas educativas*. Instituto Alfa e Beto – IAB, 2009. Disponível em: <http://www.alfaebeto.org.br>

MEC (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura.

OECD, *Lessons from PISA for the United States, Strong Performers and Successful Reformers in Education*, OECD Publishing, (2010). Disponível em: <http://www.oecd.org/pisa/46623978.pdf>

OLIVEIRA, João Batista Araújo. **Educação quem se candidata as reformas?**. Jornal Valor Econômico. São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <http://www.alfaebeto.org.br/PublicacoesReferencias/Artigos>20>

OLIVEIRA, João Batista Araújo. **Pisa - Os dois Brasis**. Jornal Estadão.com.br. São Paulo, dez. 2010. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=geral,pisa-os-dois-br

OLIVEIRA, João Batista Araújo. **Educação: as lições do professor Hanushek**. Jornal Valor Econômico. São Paulo, dez. 2011. Disponível em: http://www.alfaebeto.org.br/Arquivos/Documentos/Educa%C3%A7%C3%A3o_%20as%20li%C3%A7%C3%B5es%20do%20professor%20Hanushek.pdf



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

Proposição de Banca de TCC

Período de realização das defesas:

Previsão da banca: 23/11/2012

Horário: 15h30min.

OBS: Considerando que as defesas constituem-se de apresentação do trabalho pelo aluno, arguição dos membros da banca e reunião para o fechamento da avaliação, compete ao orientador, quando do agendamento das defesas, observar intervalo mínimo de uma hora e meia entre as bancas.

Título do Trabalho: Fatores associados à Eficácia Escolar: o que dizem as evidências científicas

Nome do Aluno: Débora Kruse

Turma: 01

Turno: (x) Matutino () Noturno

RA: 57633

Telefone: (44) 3305.0220

E-mail: debora.kruse@hotmail.com

1. Orientador(a): Profa. Dra. Ruth Izumi Setoguti

Instituição: UEM

Departamento: DFE **Telefone:** (44) 3011. 4839 **E-mail:** rsetoguti@gmail.com

2. Nome: Prof. Ms. Simone Burioli Ivashita

Instituição: UEL

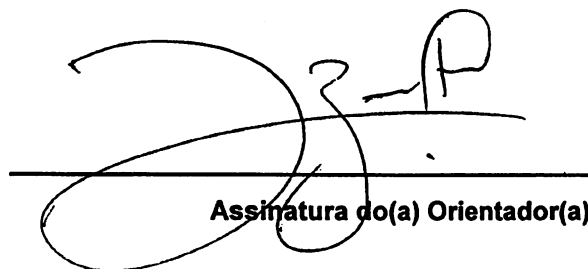
Departamento: Pedagogia **Telefone:** (44) 88223407 **E-mail:** sivashita@yahoo.com.br

3. Nome: Profa. Ms, Vanessa Alves Bertolleti

Instituição: UEM-

Departamento: DFE **Telefone:** (44) 88240858

E-mail: vanessabertolleti@hotmail.com



Assinatura do(a) Orientador(a)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

FICHA DE FREQUÊNCIA DE ORIENTAÇÕES DE TCC – 2012

Aluno: Débora Kruse

RA: 57633

Orientador: Ruth Izumi Setoguti

Departamento: DFE

Datas das orientações (totalizando 34 horas)	Atividades desenvolvidas	Assinatura do Orientador	Assinatura do Orientando
4 h-9/4/12	Orientação para realização do projeto		
4h- 26/4/12	Leitura e correção do projeto		
5h- 10/5/12	Indicação bibliográfica e orientação de leitura		
5h-4/06/12	Correção de fichamento		
4h-16/7/12	Correção 1ª versão do TCC		
4h- 8/8/12	Correção 2ª. versão do TCC		
4h- 3/9/12	Correção 3ª. versão do TCC		
4h- 12/9/12	Correção versão definitiva do TCC		

Observações:

